

## CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE E SOFRIMENTO PSÍQUICO NO ENSINO SUPERIOR PRIVADO

### CONDICIONES DE TRABAJO DOCENTE Y SUFRIMIENTO PSÍQUICO EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR PRIVADA

### TEACHERS WORKING CONDITIONS AND PSYCHIC SUFFERING IN PRIVATE HIGHER EDUCATION

Vivian Jillou<sup>1</sup>

Sálua Cecílio<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresenta o trabalho docente no ensino superior. Visa compreender a natureza das relações entre organização, condições de trabalho e sofrimento psíquico de professores universitários de duas instituições privadas de uma cidade de Minas Gerais. Estudo qualitativo, incluiu pesquisa bibliográfica e de campo. Baseou-se em entrevistas semiestruturadas com 30 professores. O material foi submetido à análise de conteúdo. Constata-se a intensificação do trabalho docente, sua precarização e, que a excessiva carga horária trazem implicações para a saúde mental e física do professor; embora o contrário, realização e prazer, também sejam verdadeiros.

**Palavras-chave:** Sofrimento psíquico. Organização e condições de trabalho. Trabalho docente.

**Resumen:** Presenta el trabajo docente en la enseñanza superior. Busca comprender la naturaleza de las relaciones entre organización, condiciones de trabajo y sufrimiento psíquico de profesores universitarios de dos instituciones privadas de una ciudad del Minas Gerais. Estudio cualitativo, incluye investigación bibliográfica y de campo. La que se basó en entrevistas semiestructuradas con 30 profesores. El material ha sido sometido a la análisis de contenido. Se constata la intensificación del trabajo docente, su precarización y que la excesiva carga horaria traen implicaciones para la salud mental y física del profesor; aunque el contrario, realización y placer, también son verdaderos.

**Palavras-chave:** Sufrimiento psíquico. Organización y condiciones de trabajo. Trabajo docente.

**Abstract:** This article deals with academic teaching. Its purpose is to understand the relationship among organization, working conditions and psychic suffering of university teachers in two private institutions in a city of the Triângulo Mineiro, in the State of Minas Gerais. The study, of qualitative nature, included bibliographical research and field research. It was based on semi structured interviews with 30 teachers. The material was analysed as content. Regarding the results that concern the teacher it was noticed: work load, precariousness and excessive working hours which bring implications for the mental and physical health; on the other hand, a sense of achievement and pleasure were also true.

**Key Words:** Psychic suffering. Organization and working conditions. Teaching

#### *Introdução*

Na sociedade capitalista do século XXI, o trabalho docente apresenta uma historicidade que o particulariza em seus conteúdos e significações. Compreender como ela se dá, supõe distinguir condições externas e subjetivas de seu exercício, processos de flexibilização de jornada e de contratos; organização do trabalho modulado cada vez mais por exigências de produtividade, e aumento de atribuições para quem o desempenha. As transformações no mundo do trabalho e os resultados que provocam nas relações

profissionais e pessoais de quem trabalha influem nos sentidos da atividade profissional para o sujeito, e afetam sua saúde. Muitas vezes ignorados ou dissimulados, são preocupantes os problemas de saúde e o sofrimento dos que vivem da docência.

Em formas e graus diversos, o sofrimento humano tende a se refletir no desempenho dos professores, sinalizando aspectos crescentes da ‘precarização subjetiva’ (LINHART, 2011), que os acomete e é tida como correlata da precarização objetiva, representada pelas formas deterioradas de contratação e de exercício funcional. No caso de docentes universitários, tal fato preocupa, pois de modo geral, esquecem-se de si ou ignoram implicações da relação trabalho-saúde, deixando de lado sua responsabilidade individual e coletiva quanto ao conhecimento sobre saúde pessoal e/ou de grupos sociais; e consequentes intervenções no mundo do trabalho.

Dado tal contexto, nesta pesquisa toma-se a relação trabalho e saúde em uma concepção dialética e a partir do referencial do materialismo histórico. Analisar o trabalho docente supõe distinguir as condições [externas e internas] de seu exercício, os controles a que é submetido, as formas de precarização e intensificação progressivas presentes na reestruturação produtiva, sentimento de impotência, medo e insegurança empregatícia. Para Antunes (1999, p. 214), há uma nova configuração do trabalho que se apresenta, “de um lado um efetivo processo de intelectualização do trabalho manual; de outro, e em sentido inverso, uma desqualificação e mesmo subproletarização, expressa no trabalho precário, informal, temporário, entre outros”. Isso sugere uma concepção do trabalho que ameaça a dignidade de sujeitos reais, enquanto aliena e empobrece sua subjetividade e autonomia.

Observados os pressupostos do marxismo, o trabalho é socialmente necessário, e o que determina o valor de qualquer produto é a quantidade de trabalho e o tempo socialmente empregado para a sua produção. O trabalho docente tem uma dimensão social, é produtivo, enquanto gera valor negociado por aqueles que o compram, mas é fonte de alienação por favorecer a produção e reprodução de condições impeditivas da autonomia e liberdade daqueles que o produzem. O que realmente caracteriza o ser humano é a forma pela qual produz e reproduz suas condições de existência. São as condições de existência que imprimem o perfil e a expressão do humano. Não existe o indivíduo formado fora das relações sociais (MARX, 1971). Estas o constituem, ao mesmo tempo em que por ele são constituídas.

Para que o trabalho do professor represente alternativa de humanização, ele requer autonomia e desenvolvimento contínuos, favorecidos por condições adequadas de trabalho, de modo que aquele que o exerce não seja exposto a situações que o reprimem, e podem comprometer seu desempenho e expressar-se sob a forma de sofrimento. Nessa direção, neste artigo interessam as ligações de cada indivíduo com seu trabalho, o contexto em que ele se estabelece e o que dele decorre para a estruturação de si e dos vínculos com o outro. O foco é a docência enquanto um tipo específico de trabalho, cujos efeitos atingem os sujeitos seja como indivíduo, seja como categoria profissional. Trata-se de saber se e como o trabalho docente, em sua organização e condições, potencializa e/ou instala o sofrimento de professores.

São buscadas relações entre trabalho docente e sofrimento de professores universitários, suas manifestações no exercício da docência em instituições privadas de ensino superior. A expectativa é contribuir para o avanço do entendimento das metamorfoses no mundo do trabalho, especialmente as

relacionadas ao trabalho docente na sociedade do século XXI, chamando a atenção para a necessidade de ações que propiciem desenvolver, com e para os próprios profissionais, alternativas de prevenção de problemas e promoção da sua saúde.

### *Metodologia*

De abordagem qualitativa, a pesquisa preocupou-se em explorar o conjunto de opiniões, expressões e crenças sobre o trabalho e a compreensão de suas repercussões para os que o exercem. Com base em Bauer e Gaskell (2007) buscou-se lidar com interpretações das realidades sociais e explorar opiniões e representações sobre o objeto de estudo.

Além de pesquisa bibliográfica realizada no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), posteriormente a uma pesquisa realizada no site: <http://www.scielo.br> - Scientific Electronic Library Online (SCIELO), usando os descritores (trabalho docente; trabalho docente e reestruturação produtiva; trabalho docente e precarização; trabalho docente e sofrimento psíquico; trabalho docente e prazer), utilizados isoladamente e/ou de forma combinada, foi desenvolvida uma pesquisa de campo. Essa baseou-se em entrevista individual semiestruturada com 30 professores universitários de duas Instituições de Ensino Superior (IES) da rede privada de uma cidade do Triângulo Mineiro, escolhidas por suas similaridades em relação ao tamanho e à estrutura acadêmica, administrativa e jurídica. De cada instituição foram selecionados 15 participantes, considerados os seguintes critérios: a) ser professor universitário; b) ter disponibilidade e interesse em participar da pesquisa; e c) ter maior tempo de exercício profissional em relação aos demais (esse critério não foi totalmente adotado, devido ao fato de alguns cursos serem recentes, os professores serem jovens e iniciantes na carreira docente e terem pouco tempo de profissão).

A pesquisa de campo ocorreu de fevereiro a maio de 2013, tendo como critérios de inclusão de sujeitos: atuar como docente na IES 1, em um dos cursos: Direito, Administração e Pedagogia; ser docente na IES 2, em um dos cursos: Direito, Administração e Sistemas de Informação. Foram selecionados os cursos em função de 3 critérios: a) serem comuns às duas instituições (Direito e Administração); b) um da área de educação em uma das instituições (Pedagogia); c) um curso (Sistemas de Informação) por ser uma área da tecnologia que está em ascensão na outra instituição. Tal escolha orientou-se pelo pressuposto de que profissionais da área de educação e tecnologia poderiam apresentar particularidades que os distinguiam dos docentes de áreas mais tradicionais, em função do currículo (formação especial para a docência) e da inovação em demanda contínua (tecnologia).

Em atendimento à resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde - atual 466/12 - o protocolo de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Uberaba e aprovado com o parecer de nº 172.289.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, com destaques para as falas com tom emocional forte [sublinhadas], e os trechos inaudíveis ou de sentido incompleto ou confuso com o sinal de [...]. Das falas foram extraídos recortes (unidades de registro), que sinalizavam material

relacionado aos objetivos estabelecidos e às unidades de sentido representadas por categorias vinculadas ao objeto de pesquisa. O tratamento e a interpretação dos resultados basearam-se na análise de conteúdo temática, segundo Bardin (1979), Minayo (2008) e Minayo, Deslandes e Gomes (2009); e incluiu: pré-análise, exploração do material e seleção das categorias de análise, complementada pela análise de relações e coocorrências. Essa, conforme Minayo (2008, p. 310), “procura extrair de um texto as relações entre as partes de uma mensagem e assinala a presença simultânea (coocorrência) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto”.

### *Condições de trabalho no ensino superior privado e sofrimento psíquico de professores*

Analisar o trabalho docente é compreender as condições, os aspectos visíveis e invisíveis que constituem sua dinâmica e historicidade no contexto do capitalismo flexível que direciona e fundamenta uma performance produtiva. Que em via de regra supõe prevalência dos interesses do capital em detrimento de trabalhadores expostos a jornadas prolongadas, salários incompatíveis com os de outros profissionais do mesmo nível de formação e exposição permanente à instabilidade empregatícia. Assim, entender o ser professor é distinguir antes de qualquer coisa, compreender a sua relação com a conjuntura econômica e social que pelo seu trabalho é reproduzida ao tempo em que produz a vida do próprio trabalhador. Em outras palavras, saber que sujeito e professor do ensino superior é esse, como se constrói, qual é a organização do seu trabalho e em que condições ele se dá remete à análise da “metamorfose do mundo do trabalho” (ANTUNES, 1999) em suas ligações com a mundialização e expansão tecnológica que atinge e formata a produção de modo geral.

O conceito de organização e condições de trabalho é amplo, multidimensional e ambíguo, limitado e/ou de uma abrangência que dissimula sua complexidade.

Por condição de trabalho é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico [...], as condições de higiene, segurança e as características antropométricas do posto de trabalho, bem como salários e jornadas. Por organização do trabalho designa-se a divisão do trabalho (currículo, disciplinas, número de aulas/disciplinas por docente, calendário); o conteúdo da tarefa (aulas propriamente ditas, preparação, estudo, pesquisa, extensão, etc.); o sistema hierárquico (chefias, coordenações); modalidades de comando (democráticas, centralizadas, etc.); relações de poder (colegiados); responsabilidades (administrativas, acadêmicas, pesquisas, coordenação de grupos, avaliações); utilização de instrumentos de trabalho (tecnologias). A questão dos ritmos de trabalho, separação entre execução e concepção afetam a organização do trabalho (DEJOURS, 1992, p. 25).

À compreensão dejouriana, Oliveira e Assunção (2010) acrescentaram a noção de condição de trabalho como o conjunto de recursos que possibilitam a realização de trabalho, envolvendo instalações físicas, insumos disponíveis, equipamentos e meios de realização das atividades e outros tipos de apoio necessários, dependendo da natureza da produção. Mas, para as autoras, as condições de trabalho não se restringem aos meios para a realização da atividade. Incluem ainda relações de emprego, como formas de contratação, remuneração, carreira e estabilidade.

Dentre as transformações no mundo do trabalho; como reestruturação produtiva, flexibilidade, terceirização, subemprego e trabalho precário, algumas podem contribuir para o sofrimento do

trabalhador docente. Para Alves (2011, p. 50) “a flexibilidade do processo de produção requer simultaneamente uma organização flexível do trabalho [...]”. Isso significa que plasticidade, versatilidade e polivalência funcional são atributos cada vez mais esperados.

Pelo trabalho, o professor pode ter sua subjetividade capturada, enquanto submetido aos ditames da produção, ao autocontrole, controle e autorresponsabilização pelo seu trabalho; apresentando, segundo Alves (2011, p. 64), uma “subjetividade às avessas”, que de tão envolvido com o trabalho, se afasta de seu ser, de sua ontologia. Dentre outras consequências, esse afastamento de si próprio pode resultar em sofrimento e comprometer sua saúde mental e física.

As mais recentes transformações do mundo do trabalho envolvem o sujeito, canalizam seus recursos, controlam suas ações e sua vida, gerando um sentimento de não domínio de seu trabalho e deterioram sua subjetividade e originam sentimentos de sofrimento psíquico, tido como um subproduto da organização e condições de trabalho. Traçam-se assim a precarização do trabalho e a alienação do trabalhador, envolvendo condições de trabalho precárias e relações sociais instáveis e frágeis, contribuindo para que se sinta dominado pelo empregador, quanto mais a ele entrega não só sua produção, mas a própria vida.

Portanto, nas condições capitalistas de produção, o trabalho deixa de ser uma atividade principal de expressão da autonomia, para se reduzir a mera execução de tarefas, numa relação de obediência e submissão a uma vontade externa, que promove a coisificação do indivíduo e dele retira o sentido de trabalho como realização e desenvolvimento pessoal e profissional. Daí a hipótese de que a ausência de sentido do trabalho pode provocar o sofrimento de professores.

### *Professores e instituições pesquisadas*

A análise do trabalho docente supõe articulá-lo ao contexto da economia capitalista no marco da reestruturação produtiva e da flexibilização das relações de trabalho que, por sua vez, interfere nos rumos da educação e das instituições formadoras de profissionais para a sociedade vigente. Soma-se a esse componente o fato de que as instituições privadas apresentam vulnerabilidade econômica que atinge a sua sobrevivência e a dos profissionais que nela atuam. Quanto ao perfil das IES oferecem cursos semestrais e noturnos, sendo que uma funciona também no período matutino. Seus professores são contratados por meio do regime celetista Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Em relação aos participantes, 17 dos 30 são homens. A maioria é casada, sendo cinco mulheres e 12 homens. Os participantes têm idade entre 28-83 anos, e a maioria possui mais de oito anos de experiência na docência. Dos entrevistados, 40% atuam apenas na docência. A maioria dos docentes relata precárias condições de trabalho, como salas de aula com um número exorbitante de alunos, prédios malconservados, falta de material pedagógico, e, principalmente, baixa remuneração salarial. Para terem uma melhor remuneração, alguns professores aumentam sua jornada de trabalho, expondo-se a possibilidades de desgaste físico e emocional.

O professor, muitas vezes, é confrontado a se responsabilizar pelo ensino de várias turmas de alunos, (quando tal responsabilidade deveria ser compartilhada com os pais), a ministrar duas ou mais disciplinas diferentes, a esforçar-se para atualizar seus conhecimentos e adaptar-se às inovações tecnológicas, com uma carga horária acima da jornada legal de trabalho. A intensificação e a precarização das condições de trabalho, articuladas à forma como cada professor lida com tais fatores, podem indicar se daí poderá ou não advir sofrimento e penosidade para o professor no exercício de sua profissão.

Comparado ao da maioria de outras profissões, quanto à remuneração ou ao reconhecimento profissional, pelo governo e pela sociedade, o trabalho do professor é visto de forma inferior. Isso se reflete na forma precária e insalubre em que várias instituições de ensino se encontram e na falta de reconhecimento profissional dos docentes, representada na baixa remuneração de seu trabalho. Sobre isso, uma hipótese que se pode levantar é a de que a falta de uma melhor qualificação e até mesmo a ausência de uma política de carreira docente são fatores que reforçam a ideia de que se a profissão de professor é desprestigiada, não tem sentido o esforço para nela se qualificar.

Mudanças ocorridas na organização do trabalho do professor universitário caracterizam-se pela diversidade de tarefas, pela pluralidade de obrigações, alternativas, interesses e tensões. Essas podem motivar o interesse e a curiosidade de docentes e pesquisadores, para que busquem informações, reflitam, sejam críticos e produzam conhecimento sobre o conteúdo do trabalho, conflitos, tensões, múltiplos papéis, sofrimento e prazer. Ainda quanto às condições de trabalho, o sofrimento docente pode relacionar-se ao aumento do ritmo de trabalho e de produção, baixos salários, dentre outros fatores. Mas, o que fica evidente é o sofrimento em decorrência do medo da instabilidade empregatícia e/ou sentimento de desproteção, tidos como aspectos da precarização do trabalho.

No referente a sentir ou não necessidade de férias e de descanso, os pesquisados responderam que mesmo com atestados médicos preferiram voltar ao trabalho. Ou seja, estar longe do trabalho lhes traz desconforto e pode significar perda de espaço social, significando inutilidade e vazio psíquico. Para escapar de tal desconforto é preciso voltar ao trabalho, mesmo doentes. Tal comportamento pode ser entendido como ‘estratégia defensiva’.

Para Dejours (1992, p. 119) tais estratégias “podem ser utilizadas pela organização do trabalho para aumentar a produtividade. A questão é saber se a exploração do sofrimento pode repercutir na saúde dos trabalhadores, do mesmo modo que se pode observar com a exploração da força física”.

O exposto pelos participantes sugere que, mesmo o trabalho sendo ponto central e importante em suas vidas, tanto os homens quanto as mulheres apresentam certa dificuldade para expressar fragilidades e sentimentos referentes à necessidade de se afastarem por estarem doentes. Os docentes experimentam um conflito em admitir que sofrem. Se sofrem, não podem demonstrar sua fragilidade e vulnerabilidade, o que configura desproteção e maior exposição à precarização. Entende o autor, que o sofrimento é moderadamente controlado pelas estratégias defensivas, tais como a negação e o desprezo pelo perigo, para que não se torne uma patologia. O que não se pode ter certeza é se esse sofrimento pode ser evitado ou não. Para Dejours (1992, p. 72) “a ideologia defensiva é funcional em nível do grupo, de sua coesão, de sua coragem, e, é funcional também em nível do trabalho; é a garantia da produtividade”.

Como muitos trabalhadores os professores parecem sentir vergonha por não estarem produzindo. Isso sinaliza a existência de um sentimento de culpa e às vezes de medo do desemprego. Por isso preferem reinscreverem-se no trabalho e ignorar o atestado médico. Tais sentimentos podem trazer sofrimento psíquico relacionado ao trabalho docente, mesmo que não declarado. Além de insinuarem um mecanismo de defesa, sinalizam a introjeção da “ética protestante inerente ao espírito do capitalismo” (WEBER, 2009), e à qual se vinculam a ascese e o cumprimento das obrigações, muito arraigados na vida e no trabalho dos entrevistados.

O trabalho docente para eles é prioritário. Preferem abster-se de queixas ou até mesmo negar que precisam se afastar temporariamente do trabalho. É um mecanismo de defesa. Para ambos os gêneros, o trabalho é a melhor definição do que é importante e essencial em suas vidas. É por meio do trabalho que os sujeitos interagem, se transformam, transformam o meio e atuam no processo histórico. No contexto do trabalho, os indivíduos se constituem e revelam suas habilidades e competências, em simultaneidade às estratégias de sobrevivência que desenvolvem.

Dadas a intensificação, precarização e jornada de trabalho considerada exaustiva, a carga de trabalho do professor superou a resistência física e psíquica. A exposição às condições e organização de trabalho desfavoráveis pode adoecer o trabalhador docente. Internamente, as respostas orgânicas e psíquicas vieram na forma de adoecimento. Porém, segundo Araújo e Carvalho (2009) a saúde do trabalhador docente ainda não é uma preocupação nuclear, nem para a gestão escolar, nem para o próprio professor. Sintomas de adoecimento são negados e minimizados. Muitos não conseguem relacionar doença, sofrimento e trabalho. Daí a necessidade de se estar atento às possíveis causas desse adoecimento, de suas relações com a organização, o processo de trabalho e à natureza das tarefas que o compõem.

Nas entrevistas, constataram-se registros referentes às mudanças quanto ao aumento das exigências de produtividade, qualificação e dinamicidade, falta de comprometimento do aluno, intensificação e extensificação do trabalho docente e a inserção das tecnologias digitais. Essas passam a ser vistas como tendo um papel decisivo no trabalho docente, porquanto, em função delas e por meio delas, muitos conteúdos do trabalho são alterados, tarefas são acrescidas e ritmos intensos são impostos, no sentido de agilizar o cumprimento de atividades e atender às demandas diversas e múltiplas de produção.

Em suas falas, os professores destacaram que em decorrência do desprestígio, excesso de trabalho e baixos salários são obrigados a assumirem múltiplos vínculos empregatícios. Administrar exigências, prazos, compromissos, preparar aulas que fogem à rotina e que sejam criativas. Estudar e se aperfeiçoar tornam-se obrigações rotineiras. A organização do trabalho pode trazer ao professor o sentimento de opressão manifesto em sofrimento psíquico, que pode emergir do choque entre concepções, subjetividade e história de vida, provenientes de intensas exigências e responsabilidades que superam as possibilidades concretas do indivíduo.

A atividade do trabalhador está visivelmente sujeita aos processos de intensificação. Dele, segundo Dal Rosso (2008) é exigido um esforço físico, intelectual e psíquico, que envolve jornada de trabalho, versatilidade, polivalência, flexibilidade, ritmo e velocidade, acumulação de tarefas e a

administração por resultados. O ritmo e a intensidade do trabalho docente incluem o fator tempo, que cada vez mais se comprime, não dando margem para atualização profissional, família e descanso.

Mesmo em condições adversas, ao se referirem ao ato de ensinar, os docentes destacam o trabalho docente como uma profissão que lhes proporciona prazer, principalmente o contato com os discentes. As dificuldades apontadas relacionam-se à jornada de trabalho, desvalorização profissional e salarial, superlotação das salas de aula, cansaço em decorrência dos múltiplos vínculos empregatícios, falta de estímulo para cursos de aperfeiçoamento. Sobressaem também as condições e a organização do trabalho, a infraestrutura das IES e o desejo de mais materiais, além de biblioteca e laboratórios melhor equipados.

A organização e as condições de trabalho podem afetar o trabalhador. No caso do docente, a intensificação de seu trabalho, a não autonomia, a precarização e a excessiva carga horária trazem implicações para sua saúde mental e física. O contrário também pode ser verdadeiro. Ou seja, o trabalho também pode trazer ao professor equilíbrio e motivação.

Estar na docência não significa e nem garante a felicidade ou a infelicidade, pois não existe um estado puro de vida e de vida no trabalho. Pelo trabalho é possível buscar o equilíbrio entre prazer e sofrimento. As relações não são de exclusão. Não se trata de reconhecer um estado e não outro, mas de reconhecer sua complementaridade.

### *Conclusão*

No ensino superior privado, mesmo não explicitamente, as condições de trabalho são permeadas por vínculo empregatício instável, intensa jornada de trabalho, fragilidade de laços funcionais, contratos de trabalho com carga horária semestral instável. Estão sujeitas aos fatores institucionais e de mercado que, em longo prazo, podem trazer sofrimento psíquico ao docente. Diante a intensificação e a precarização das condições de trabalho, a forma como cada professor lida com elas, poderá ou não lhe acarretar sofrimento e penosidade.

Ao relacionar organização e condição de trabalho, subjetividade e sofrimento, a maioria dos docentes reconhece ser suficiente o tempo de descanso e de férias. Alguns referem que, mesmo de atestado médico, já foram trabalhar. Nessa direção, admite-se haver entre os docentes a experiência de um conflito entre admitir ou não o sofrimento. Se sofrem, não podem demonstrar sua fragilidade e vulnerabilidade. O que configura uma desproteção e maior exposição à precariedade, além de sugerir uma subjetividade aprisionada, anulada em sua autonomia e limitada em suas possibilidades e potencialidades.

Mediante o obtido, compreendeu-se que o trabalho docente sofre metamorfoses significativas em sua natureza e conteúdo, em decorrência de, por um lado, mais exigências por produtividade; e de outro, desvalorização e desprestígio profissional. O que, de certa forma, contribui para reafirmar a tênue e ambivalente relação entre trabalho docente e sofrimento psíquico.

Importa não apenas apontar o sofrimento do professor universitário frente à flexibilização, precarização, condições e organização do trabalho, reestruturação produtiva e tecnologias digitais,



mas buscar respaldo para novas condutas e habilidades que previnam, eliminem ou atenuem tal sofrimento. Afinal, um estudo vale não só pelas respostas ao que não se sabe, mas também pelo que coloca de interrogações ao que não se sabe o suficiente, tendo em vista superar o existente.

### Referências

- ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 16 ago. 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 1992.
- LINHART, D. Entrevista: Danièle Linhart. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 149-160, mar./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v9n1/v9n1a11.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2013.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. rev. aprim. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, D. A.; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho. Verbete 'formação continuada de professores'. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. F. (Org.). **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- Disponível em: <<http://www.gestrado.org/index.php?pg=dicionario-verbetes&id=390>>. Acesso em: 30 mar. 2014.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

### Notas

- <sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Especialista em Biologia Molecular e Biotecnologia (UNIFRAN), Graduada em Enfermagem (UNIUBE) e Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (UNIUBE). Email: [vivianjilou@yahoo.com.br](mailto:vivianjilou@yahoo.com.br)
- <sup>2</sup> Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP; doutora em Sociologia pela USP-SP e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba. Email: [salua.cecilio@uniube.br](mailto:salua.cecilio@uniube.br)

Recebido em: 12.05.2015  
Publicado em: 31.12.2015